

Editorial

POLÍTICA
QUE SEGUE

O ex-presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha só foi afastado do cargo por uma decisão do Supremo tomada por unanimidade porque era réu de um processo e estava na linha de sucessão da presidente da República.

Os ministros levaram em consideração que uma pessoa, sendo ré, não poderia assumir tamanha responsabilidade. Talvez tenham considerado também, embora isso não fosse necessário, a iminência da substituição da atual presidente.

Ninguém contava, no entanto, que o presidente interino da Câmara pudesse, numa canetada, anular tudo o que foi feito por seu antecessor e pelo pleno da Casa, determinando que o processo de impeachment voltasse à estaca zero.

É essa situação que confrontou a nação no dia de ontem, colocando todos os agentes políticos em insegurança, uma vez que o processo de impeachment já tramita no Senado, depois de cumprir todos os ritos traçados pelo Supremo.

O episódio reflete a má qualidade das decisões emanadas de nosso Parlamento, que não demonstra ter a capacidade técnica e política requerida pela sociedade. Um gesto de voluntarismo de um líder pode modificar o cenário.

Como Cunha havia feito antes, o interino Waldir Maranhão manobra, agora, o Legislativo, com que objetivos não se sabe. O fato é que o dia foi perturbado pela decisão do presidente da Câmara em exercício, buscando seus minutos de glória.

Sabidamente, o presidente do Senado, Renan Calheiros, rejeitou o pedido de devolução de Waldir Maranhão e manteve na Casa o andamento do processo de admissibilidade do impeachment da presidente Dilma Rousseff.

A decisão foi acertada porque o processo já tinha saído da alçada da Câmara, e, agora, cabe ao Senado julgá-lo. Tratava-se de um ato concluído com a observância de todos os requisitos legais, incluídos os votos de todos os deputados. Renan foi cortês ao chamar a demanda de Maranhão de "brincadeira". Mas disse: "Uma decisão monocrática não pode estar acima de uma decisão colegiada como a que a Câmara tomou".

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Marina Medioli
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra Soares

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Monique Araki

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida

Economia: Karlon Aredes

Magazine: Silvana Mascagna

Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla

Política: Ricardo Corrêa

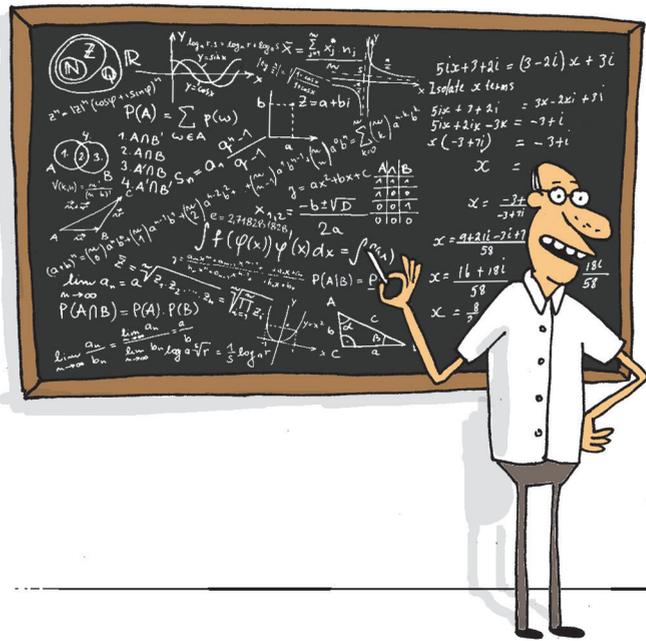
Esportes: Denner Taylor

Cidades: Marina Schettini

Primeira: Frederico Duboc

Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO



ACHOU COMPLEXA ESTA EQUAÇÃO? NÃO VIU NADA! ESPERE SÓ ATÉ COMEÇAR A ESTUDAR O ATUAL MOMENTO DO BRASIL!!!



DUKE

www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

‘O Futuro Roubado’ é um livro científico que dói na cidadania

“Precisamos questionar a tecnologia dos agrotóxicos em si”

Há anos, desde que o li, se tiver de indicar um livro para alguém, não tenho dúvida de que é “O Futuro Roubado”, de Theo Colborn, Dianne Dumanoski e John Peterson Myers (L&PM Editores, 1997), que elenca e analisa estudos científicos sobre agentes químicos sintéticos que alteram os sistemas hormonais e que ecologistas e ecólogos, 30 anos antes de sua publicação, apontavam como deletérios ao meio ambiente e à saúde animal e à humana.

Por sua magnitude em dados científicos irrefutáveis, é reconhecido como uma continuação de “A Primavera Silenciosa”, da bióloga marinha Rachel Carson (1907-1964), publicado em setembro de 1962 – hoje um clássico da área da consciência ambiental planetária. A autora é uma celebridade mundial que, para o jornal inglês “The Guardian”, ocupa “o primeiro lugar entre as cem pessoas que mais contribuíram para a defesa do meio ambiente em todos os tempos”.

O pioneirismo, a paciência, a sagacidade e o mérito de Rachel Carson como cientista são inegáveis. Ela sistematizou “toda a literatura científica disponível à época, numa brilhante obra literária de denúncia e divulgação científica”, ao mesmo tempo em que divulgou e reavivou a Teoria da Evolução de Darwin/Wallace “numa América conservadora e religiosa”.

Para Alexandre Sallum, “de maneira demolidora, Rachel Carson explicou e denunciou o perigo dos pesticidas, apesar do título poético, uma referência ao silêncio dos pássaros mortos pela contaminação dos agrotóxicos... No primeiro capítulo, ‘Uma fábula para o

amanhã’, a autora descreve, liricamente, um lugar onde as árvores não davam folhas, os animais morriam, os rios contaminados não tinham peixes e, principalmente, os pássaros que cantavam na primavera haviam sumido” (“A Primavera Silenciosa”, de Rachel Carson, 2012).

O primoroso prefácio da edição brasileira de “O Futuro Roubado” é do agrônomo e ambientalista José A. Lutzenberger (1926-2002), no qual declara: “O que precisamos questionar é a tecnologia dos agrotóxicos em si”. A edição norte-americana foi prefaciada pelo Nobel da Paz

É também um conceito político de resistência aplicável a conjunturas políticas que retiram, usurpam, entram direitos e roubam a cidadania

2007 e ex-vice-presidente (de Bill Clinton, 1993-2001), Al Gore, que afirma: “Estudos com animais e seres humanos relacionam os agentes químicos a inúmeros problemas, como infertilidade e deformações genitais; cânceres desencadeados por hormônios, como o câncer de mama e o de próstata; desordens neurológicas em crianças, como hiperatividade e déficit de atenção; e problemas de desenvolvimento e reprodução em animais silvestres...”

“Os organoclorados e outros produtos estão causando uma profunda alteração na base da sobrevivência dos seres vivos do planeta. Causam disfunções hormonais, levando à masculinização das fêmeas e à feminilização dos machos. Na

espécie humana, já há uma queda em 50% da fertilidade pela progressiva destruição dos espermatozoides”.

“O Futuro Roubado” é um livro-síntese da literatura científica até 1996. É um livro-guia: depois que o li, sempre que avalio estar sendo ludibriada, na vida privada ou na pública, sou instada a reagir, pois o referido livro aparece flutuando em minha mente como um alerta para que eu não me cale! E nos roubam muito, quase tudo, até o parto, como relato em “O parto roubado é um conceito político de resistência” (O TEMPO, 8.4.2014).

O título “O Futuro Roubado” hoje é mais que um livro. É também um conceito político de resistência aplicável a conjunturas políticas que retiram, usurpam, entram direitos e roubam a cidadania, tornando perenes as assimetrias econômicas, as exclusões e as vulnerabilidades sociais e políticas.

